

## **Psicoses - fenômenos elementares – paranoia – esquizofrenia – melancolia - mania**

A paranoia é a psicose modelo. No sentido de Kraepelin se trata de delírios sistematizados crônicos e no de Sérieux e Capgras (1909) de delírios de interpretação - *folies raisonnantes* - e é assim definido: "raciocínio falso, com origem em uma sensação real, em um fato exato, os quais, em virtude de associações ligadas às tendências, à afetividade, e com a ajuda de induções ou deduções errôneas, podem assumir uma significação pessoal para o enfermo, invencivelmente empurrado a relacionar tudo consigo mesmo".

A paranoia do Presidente Schreber<sup>1</sup> começa como uma grave *hipocondria* que já sabemos tratar-se de um fenômeno elementar corporal e diacrítico da psicose. Vivia sem estômago, sem intestinos e sem pulmões, com o esôfago rasgado, sem bexiga e com as costelas despedaçadas; às vezes engolia parte de sua laringe com a comida; contudo os “raios divinos” sempre restauravam os órgãos destruídos. Freud não considera fidedigna nenhuma teoria da paranoia, a menos que também abranja os sintomas *hipocondríacos* pelos quais essa psicose quase invariavelmente se faz acompanhar. Parece-lhe que a hipocondria está, para a paranoia, na mesma relação que a fobia para a histeria<sup>2</sup>.

Segue-se lhe uma *alucinação* hipnopômica - “*deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula*” - que desenvolve-se até o *delírio* que podemos resumir como - uma missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude<sup>3</sup>, tarefa que só poderia ser realizada se primeiro ele se transformasse de homem em mulher.

Destaquemos do caso Schreber a assunção da missão de Redenção - delírio secundário, e o empuxo-à-mulher - delírio primário, isto é, o transexualismo, do qual a emasculação seria o meio. O acesso a estas verdades ele obteve através de alucinações verbais, que eram enunciadas como perfídias, como injúrias. Ouvia, por exemplo, os “raios divinos”, que falavam *alíngua básica* dizer-lhe: “Miss Schreber”,

---

<sup>1</sup> Cf., FREUD, S., “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, (1911), *ESB*, v. XII.

<sup>2</sup> Ver nota de rodapé à pág. 77, *op. cit.*

<sup>3</sup> *Seligkeit* significa bem-aventurado. *Selig* significa simultaneamente feliz e falecido.

ou, “Então *isso* declara ter sido *Presidente do Senado*, essa pessoa que se deixa ser f...a!”.

A missão de Redenção foi uma atribuição do Deus de Schreber, que não é uma entidade simples. Existe Arimã, um Deus inferior, o Deus dos semitas (da raça escura), e Ormuzd, um Deus superior, o da raça loura (dos arianos). Os Deuses falam *alíngua fundamental*, que é rica em eufemismos. Parte deles os insultos: “Por que você não c..a?” A missão de redenção não deve ser entendida tão universalmente como a fantasia de ser, tal como Jesus Cristo, o filho de Deus, o cordeiro de Deus que veio tirar o pecado do mundo. Ela consiste singularmente no fato de que ninguém que morra possa ingressar no estado de beatitude enquanto a maior parte dos raios de Deus for absorvida por sua pessoa devido aos seus poderes de atração. Há um misto de reverência e rebeldia em sua relação para com Deus. Há, enfim, uma relação entre os dois temas básicos de seu delírio que se pode resumir dizendo que Schreber inferiu que era a mulher de Deus e que Lacan explica com a fórmula - por não poder ser o falo que falta à mãe, resta a Schreber ser a mulher que falta aos homens.

Schreber era insultado, sobretudo pelos “pássaros falantes” que foram condicionados a repetir “frases sem sentido, decoradas”, cujo significado não entendiam, mas eram suscetíveis à similaridade de sons: “Santiago” ou “Kartago”; “Chinesentum” ou “Jesum Christum”; “Abendrot” ou “Atemnot” (“Crepúsculo” ou “Falta de ar”); “Ariman” ou “Ackerman” (“Arimã” ou “Fazendeiro”). Ele resolveu dar nomes de moças a esses pássaros.

O capítulo censurado das Memórias de Schreber vai interessar muitíssimo a Freud, porque diz respeito à sua relação com o psiquiatra Prof. Flechsig seu primeiro perseguidor, antes de Deus. O tema do “assassinato de alma” está diretamente vinculado a ele. A lógica da ficção delirante consiste em escolher por perseguidor alguém que outrora fora um objeto de amor. Assim, segundo Freud, o desencadeamento da psicose de Schreber foi o resultado da manifestação de uma libido homossexual dirigida a “alma Flechsig”. Obviamente, não devemos esquecer que Flechsig ocupa aí o lugar-tenente de um objeto primordial e que a homossexualidade aí evocada não é nada mais que uma fantasia de passividade em relação ao Outro, uma fantasia feminina, uma inclinação em direção a um outro

gozo, distinto do gozo masculino, ativo, fálico. Schreber desejaria conhecer o gozo vaginal. Todo o seu transexualismo indica isso.

Reconhecer em si mesmo um desejo de tal ordem suscitou uma indignidade considerável que se apaziguou quando Flechsig foi substituído por Deus. Passar de Flechsig a Deus significava a solução do impasse, posto que, doravante, toda a voluptuosidade que experimentava em seu corpo tornava-se um desígnio de Deus. Assim o sujeito psicótico entra em uma nova fase do trabalho de ficção, de elaboração delirante, que Freud ensinou-nos a chamar de reconciliação. Há a catástrofe do mundo e, em seguida, a reconciliação. Este passo torna possível, a sistematização delirante: Schreber passa a fazer parte de uma cadeia cósmica de eventos e servir de instrumento para a recriação da humanidade, após a extinção desta. Uma nova raça de homens nasceria do espírito de Schreber. Esse homem perseguido seria reverenciado como ancestral do homem. Assim se realizava o *do ut dês* - o sujeito se satisfaria na megalomania e sua fantasia feminina de desejo se tornaria sublime. Ele se contentava, diz Freud, com uma realização de desejo assintótica.

Devemos interpolar entre Flechsig e Deus o personagem do pai. O criador das *Associações Schreber* e do método de *Ginástica Médica de Quarto*, médico e educador exemplar, bem se prestava, segundo seu lugar estrutural na identificação amorosa, primária, ao lado de Flechsig e Deus, a representar as figuras do Outro persecutório. Nos termos de Freud trata-se do fracasso do complexo paterno. A forclusão é isso: é a não inscrição do significante fundamental do Nome-do-Pai no campo do Outro; conseqüentemente, a psicose, a paranoia, é a identificação do gozo no lugar do Outro.

A gramática da paranoia, da psicose, é por sua própria natureza narcísica. O narcisismo é essa interpolação que Freud apensa à sua teoria do gozo, entre o gozo autoerótico, gozo do próprio corpo e o gozo do corpo do outro, gozo objetal. O gozo narcísico consiste em tomar a si mesmo como objeto de gozo. É assim que Freud tenta partir de uma proposição - *eu o amo* - que, segundo ele está sustentada na fantasia de desejo homossexual, no desejo de *amar um homem*, para deduzir através de uma análise sintática, as diversas formas dos sintomas psicóticos.

Assim, a solução chamada de *delírio de perseguição*, consiste primeiramente na negação do *predicado*, do conteúdo, do que decide o sentido da proposição - ***eu não o amo***; em seguida, opera-se uma inversão do sentido - ***eu o odeio***, que não chega a ser enunciada, a não ser no inconsciente (como diria Freud), isto é, sem sabê-lo (como diria Lacan), ou n' *alíngua básica* (como Schreber diria) e que por projeção se transforma no enunciado - ***ele me persegue***.

No *delírio de amor*, na *erotomania*, por sua vez, a inversão incide sobre o *objeto* - ***eu a amo***, que em obediência à *projeção*, à *foraclusão* se enuncia como - ***ela me ama***.

A terceira modalidade de contraditar a proposição é o que se chama de *delírios de ciúmes*, que admite variedade segundo a diferença sexual. Os delírios alcoólicos de ciúme onde a contradição se sustenta na inversão da posição sintática do sujeito - ***eu não o amo***, mas ***ela o ama*** e os delírios de ciúmes das mulheres, solução análoga - ***eu não a amo, mas ele a ama***.

Ora, uma proposição composta de três termos, tal como - ***eu o amo*** - parece só poder ser contestada de três modos distintos: o delírio de ciúme contradiz o sujeito, o delírio de perseguição impugna o predicado e o delírio de amor desmente o objeto. Porém, na realidade, é possível supor uma quarta modalidade da rejeição, a saber, a que rejeita a proposição como um todo. A *megalomania*, essa inflação absoluta do próprio sujeito, do eu, consistiria no enunciado - ***não amo ninguém*** que seria o equivalente de - ***só amo a mim mesmo***.

Espero ter feito notar que a formação do sintoma paranóico pediu empréstimo ao mecanismo que denominamos *projeção*<sup>4</sup>, que consiste em suprimir uma percepção interna, diz Freud, o que não deixa de ser suprimir uma enunciação, deformá-la, isto é, retoricá-la e admiti-la como percepção externa, o que não deixa de ser um enunciado vindo do Outro. Por exemplo, em vez de perceber subjetivamente que se trata de amor, no delírio de perseguição, se reconhece objetivamente que se trata de ódio. Freud promete elaborar melhor esse mecanismo, mas jamais o faz. Diz-se que se trata de um manuscrito perdido. Vê-se que ele não está satisfeito em considerar a modalidade de rejeição que constitui o sintoma paranóico como uma modalidade do recalque. Por isso ele rebate sobre o tema

---

<sup>4</sup> A ser valorizada, sobretudo por suscitar o retorno desde fora do que foi projetado, portanto algo equivalente à *foraclusão*, cf. nossa "Teoria generalizada do sintoma", in *Opção lacaniana*, n°9.

dizendo que foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior e que, na verdade, pelo contrário, como agora percebemos, o que acontece é que aquilo que foi abolido internamente, subjetivamente, retorna desde fora. E foi essa dica que levou Lacan a elaborar o conceito de foraclusão como o mecanismo diacrítico da psicose.

\*

### **Alucinação: ouvir e falar são o direito e o avesso do significante**

1] Eu quis tomar esse tema da alucinação desde o ponto de vista do diálogo, e é assim que vou tentar desenvolvê-lo: a alucinação como um diálogo.

Há uma definição clássica da alucinação, que vem desde Esquirol, que afirma que uma alucinação é um *perceptum*<sup>5</sup> sem objeto.

Para se desvencilhar dessa definição clássica da alucinação, Lacan propôs chamar toda alucinação de verbal, propôs tratar a alucinação como uma frase. Assim não concordou que ela se reduzisse nem ao *sensorium*<sup>6</sup> particular nem a um *percipiens*<sup>7</sup> unificador, suposto capaz de síntese subjetiva.

A alucinação verbal não é por natureza auditiva, porque, entre outras coisas, o ato de ouvir é diverso segundo o contexto. A relação do sujeito à fala do outro implica de saída um efeito de sugestão. Por sua vez, a relação do sujeito à sua própria fala implica em que o sujeito não possa falar sem se ouvir. Também não pode se ouvir sem se dividir.

Em consequência disso: o *sensorium* é indiferente na produção de uma cadeia significante que se impõe: 1] como voz; 2] como uma realidade proporcional ao tempo que sua atribuição subjetiva comporta (como se ela pudesse desaparecer); 3] sua estrutura significante é distributiva, ou seja, em várias vozes, colocando o próprio *percipiens* como equívoco.

Pode-se tomar o exemplo do sujeito que ao cruzar com o amante da vizinha (que supostamente lhe fazia assédios) ouve a ofensa - "Porca!" Trata-se de uma apódose cuja prótase<sup>8</sup> foi possível restituir: "Eu venho do salsicheiro".

Valeria a pena destacar a função da vizinha (tema para Saramago).

MP40 anda muito incomodada com a vizinha, umas moças solteiras que dormem muito tarde, a casa está sempre cheia de gente. Rapazes e moças. Quando então tem insônia fica ligada ao que se passa de madrugada no apartamento da vizinha. Sua

---

<sup>5</sup> Percebido, percepto, é a experiência privada de um objeto, isto é, a maneira em que o objeto aparece a um sujeito individual.

<sup>6</sup> Sensorio, um órgão das sensações, na terminologia de Aristóteles; aquilo que hoje é chamado de receptor.

<sup>7</sup> Essa é a crítica de Lacan às ciências humanas; elas se ocupam de repetir a metafísica da escolástica. A tese que se quer contestar desde o ponto de vista da psicanálise é que todas as teorias da percepção afirmam que aquele que percebe, o *percipiens*, é o responsável, o agente do objeto percebido, do *perceptum*. Pensa-se que o percebido recebe algo da realidade, que há um objeto, mas que o percebido se engendra a partir das sensações, das impressões que partem do objeto sob condição de que o que percebe, o *percipiens* introduza uma unidade na diversidade destas impressões recebidas. Um espécie de sujeito unificador. Quando se trata da alucinação, isto é, um *perceptum* sem objeto, se coloca a questão do que foi que o *percipiens* inventou, que é que ocorre para que surja um percebido sem objeto.

<sup>8</sup> Prótese [Do gr. prótasis, pelo lat. protase.] A primeira parte dum período gramatical. No antigo teatro grego, a primeira parte da ação dramática, na qual o argumento é anunciado e se inicia o seu desenvolvimento. Apódose [Do gr. apódosis, pelo lat. apodose.] A segunda parte de um período gramatical, em relação à primeira, chamada prótase, de cujo sentido é complemento.

aposiopese<sup>9</sup> lhe impede enunciar uma apódose alucinatória. Por enquanto ela querela de si para si.

OVNI28 em situação romanesca semelhante chega a conjecturar estupro e torturas inclusive de sua amada platônica na casa do vizinho de cima. Talvez haja alguma importância em ser o vizinho de cima, a julgar pela pobreza de novelas sobre o vizinho de baixo.

Há em "Porca!", como em "canapé" - "roubaram o canapé" - alusão. O sujeito aí é uma embreagem ou um índice. "Volte e não volte mais" talvez seja um exemplo em que a partícula de negação é uma embreagem.

É assim que o discurso realiza sua intenção de rejeição [*rejet*, forclusão] na alucinação. No lugar em que o objeto inefável é rejeitado no real, uma palavra se faz ouvir... vinda do lugar daquilo que não tem nome... "Porca!" é uma antístrofe<sup>10</sup> de depreciação.<sup>11</sup>

2] Só se pode fazer uma imagem do que é o direito e o avesso do significante recorrendo-se a um objeto como a banda de Möbius. A torção de uma banda subverte o espaço de representação; o direito e o avesso da cinta se encontram em continuidade. O uso comum do "cara ou coroa" fica subvertido; direito e avesso ficam contidos um no outro. Apenas a dimensão do tempo diferencia nesse objeto o direito e o avesso - o tempo que se leva para dar uma volta suplementar.<sup>12</sup>

3] Pode-se considerar a experiência alucinatória desde diferentes pontos de vista: da sensação, da percepção, da representação, etc. Aqui queremos considerá-la do ponto de vista do próprio significante alucinatório.

Certos significantes são por assim dizer alucinógenos para certos sujeitos. No mesmo sentido em que dizemos que existem substâncias alucinógenas podemos dizer que existem palavras alucinógenas. "Porca" e "canapé" são exemplos de palavras alucinógenas.

Ouvir e falar exigem a presença de um falante e um ouvinte. Digamos, em uma representação espacial, que a palavra do lado do falante é o direito e do lado do ouvinte é o avesso do significante. Dado que é um mesmo significante que cumpre essa dupla função, não podemos fazer uma imagem dessa dualidade senão concebendo uma superfície unilátera como a da banda de Möbius.

O falante é o autor de um dito e o ouvinte é seu leitor. Uma peculiaridade da experiência alucinatória consiste em dispensar a presença do falante, em mantê-lo *in absentia*. Outra peculiaridade é que o falante alucinado não se reconhece autor de um dito. Ele o atribui a um outro.

Embora para o observador externo se trate de um diálogo do sujeito consigo mesmo, para o próprio sujeito se trata de um diálogo com o outro ausente. De outra maneira, pode-se dizer que se trata de um diálogo entre o ego e o id ou entre o sujeito e o Outro. O Outro não é o que há de vivo, mas o que dialoga em nós.

A própria dimensão da fala é a do diálogo. Não se fala sozinho. O ato de fala exige o alocutário.

---

<sup>9</sup> Aposiopese [Do gr. *aposiópsis*, pelo lat. *aposiopese*.] Interrupção intencional no meio de uma frase; reticência.

<sup>10</sup> Estrofe [Do gr. *strophé*, pelo lat. *strophe*.] A primeira parte da antiga ode grega. Antístrofe [Do gr. *antistrophé*, pelo lat. *antistrophe*.] A segunda parte da ode antiga. Gram. Mudança de sentido na associação de certas palavras, pela repetição delas em ordem inversa.

<sup>11</sup> Lacan, J. *Écrits*, 532-535. *Escritos*, 538-541.

<sup>12</sup> Granon-Lafont, J. A topologia de Jacques Lacan, p. 25.

4] A experiência alucinatória é a da mentira. Deriva-se daí a definição da alucinação como a de uma falsa percepção. A mentira é o avesso da verdade ou o falso é o avesso do verdadeiro. O sujeito alucinado não obedece a essa lógica do V e F. Parece estar mais próximo da oposição verdadeiro e semblante ou aparência de verdadeiro. Essa oposição exige uma outra categoria distinta da lógica formal para ser abordada. Trata-se do Real. Do impossível de ser dito ou reconhecido como tendo sido dito pelo próprio sujeito. Trata-se do reconhecimento de uma autoria. Nesse sentido a alucinação é uma atribuição mentirosa ao outro do diálogo. O mesmo não se reconhece como autor do dito alucinatório.

5] A alucinação é perfídia, insulto, intriga, infâmia. É a antístrofe de depreciação. O alucinado não tem vida privada. É o automatismo mental de Clérambault. A divisão do sujeito alucinado consiste em funcionar simultaneamente como "personalidade neurótica e psicótica", funcionar no surto e fora dele, na experiência alucinatória e fora dela. "Essa mulher é um qui-qui-qui traveco". "Passou uma emenda". "Essa mulher é um travesti". A dificuldade de analisar a alucinação consiste em que o que está em jogo não é a lógica V e F, mas o Real V e S. "Tenho que virar mulher para ele me querer" (empuxo-à-mulher). "Aquira é uma condensação de Aqui e agora". "Dizem que sou um homem". "Tenho de tocar para essa lesma". "Quickly way more". "Dizem que sou a orientação lacaniana". "Ela virar alemã vai ser um chaco". "O judeu não quer que ela seja preta; não é bom para o Brasil". (Judeus, cristãos, muçulmanos; judaísmo, cristianismo, islamismo; Moisés, Jesus, Maomé são temas freqüentes no discurso delirante do alucinado). "Existe S e SS". "FD vai cagar na vaca". "O rapaz da banca disse: glu-glu". "P disse: don't say I'm sorry say I'm stupid". "Sou a Internet. Posso ouvir as pessoas sem computador". "Néis, néis... quem manda fazer isso são os coronéis". O garoto vizinho disse: "rato de esgoto". O porteiro do prédio disse: "cocorocó"... "galinha do pelô".

Um telepata receptor como tal não tem privacidade.

6] Percepto sem objeto. A função do objeto *a*. A função do sujeito. Mito da realização alucinatória de desejo. A certeza [de Esquirol].

7] A alucinação é um exemplo de "volta estranha" no sentido de Hofstadter<sup>13</sup>. Isso poderia me levar a acrescentar ao "entrelaçamento de gênios brilhantes" mais um autor: Gödel, Escher, Bach, Freud. Uma "volta estranha" ou "hierarquia entrelaçada" ocorre quando o que você presume serem níveis hierárquicos claros o tomam de surpresa e se misturam de maneira que viola a hierarquia [Hofstadter, 759].

Faz parte da experiência alucinatória a desorientação temporo-espacial. Para um tal sujeito "hoje é ontem".

Gödel, Escher, Bach, Freud. A incompletude, objetos impossíveis, cânone por tons, o inconsciente (*Une-bévue*). As voltas estranhas podem ser: a ansiedade e a alucinação; o delírio e a obsessão; a conversão somática e o despedaçamento do corpo - hipocondria.

"Me myself and I" (Me, eu mesmo e Eu) - por um equívoco homofônico - "Me myself and eye" (Me, eu mesmo e olho) (canção de Billie Holiday) - meu olho direito ficou menor que meu olho esquerdo. Há aí um fenômeno que concerne ao corpo, uma

---

<sup>13</sup> Hofstadter, Douglas R. Gödel, Escher, Bach. Um entrelaçamento de gênios brilhantes. Brasília: UNB, 2001. Capítulo XX, p. 751-789.

estranheza em relação ao próprio corpo, que é completamente distinto do fenômeno da conversão somática.

De outra maneira: Gödel, Escher, Bach, Freud. Incompletude, imagem mental, fuga, significante. *Strange loop*, volta estranha, giro singular, laço singular.

No caso da alucinação deve-se destacar a auto-referência. Tudo o que acontece no mundo exterior (*Umwelt*) refere-se ao mundo interior (*Innenwelt*). A alucinação é o verdadeiro sintoma positivo da psicose.

Deve haver alguma relação entre *strange loop* e o *Unheimliche*. O estranho (Das Unheimliche) é aquela categoria do assustador que reenvia ao que é familiar (Heimliche). Em outras palavras, o familiar (Heimliche) torna-se estranho (Unheimliche). A hipótese de Freud é que o estranho não é oposto ao familiar ou idêntico ao não familiar, mas que o estranho é idêntico ao familiar.

Freud analisa o conto de ETA Hoffmann - "O homem da areia" - de onde extrai sua hipótese: não é a boneca Olímpia o pivô do sentimento de estranheza, mas "o homem da areia" - que arranca os olhos das crianças, o que lhe permite introduzir a questão do impulso de olhar.

O tema do estranho, tal como se destaca em outro conto de Hoffmann, o "O Elixir do Diabo", introduz o fenômeno do "duplo". Aí também se situa o assunto da telepatia e se quisermos da alucinação. Na alucinação o sujeito se duplica em o "mesmo" e o "outro" e assim dialogam. Afinal, quem fala ao sujeito alucinado senão o próprio sujeito? O "mesmo" e o "outro" têm experiências comuns. Há duplicação, divisão e intercâmbio dos sujeitos (eu, self); há identificação de significantes.

Um sintoma mental tal como uma alucinação é uma volta estranha.

Há isomorfismo entre a incompletude na lógica matemática de Gödel, a fuga na oferta musical de Bach, a imagem mental dos objetos impossíveis de Escher e, acrescentamos, as formações (*Bildung*) de significantes também chamadas de formações do inconsciente: atos falhos, sonhos, chistes e sintomas.

Um sintoma mental é um entrelaçado (*tangled*) porque se trata do próprio sujeito fazendo um julgamento do próprio sujeito, um julgamento de suas próprias infrações. De outra maneira: um sintoma é uma volta estranha. Por exemplo: escolher entre uma moça pobre que se ama e uma moça rica que não se ama. Escolher entre a homossexualidade e a heterossexualidade. Escolher entre a profissão real e a ideal.

No caso do "canapé" houve um problema de interpretação dos signos confusos que o *Umwelt* fornecia acerca de si mesma. O potencial de conflitos intranível e interníveis foi enorme. O conflito se situou entre a autoapreciação e a apreciação exterior, entre a auto-imagem e a imagem externa. O turbilhão de informações foi ora amplificado ora reduzido, ora negado, ora distorcido. O que resultou na reiteração do turbilhão de informações. Ao se reconhecer alucinado o sujeito não pôde suportar tamanho reconhecimento, a pergunta "quem sou eu" estando aí implicada.

Será que há um teorema de Gödel da psicologia? No sentido metafórico ou literal?

A questão maior para o sujeito alucinado - o sujeito psicótico - é saber se está mentalmente são (autopatognose). Trata-se de um problema gödeliano. Saber se se é mentalmente são é um *strange loop*. Uma vez colocada a questão o sujeito se enreda em um vórtice sem saída. O psicótico interpreta o mundo segundo sua própria lógica peculiar. Como saber se sua lógica é peculiar se o sujeito não dispõe de outra?

Para o sujeito para quem "hoje é ontem", não há argumento lógico-formal (V e F) que permita a redução do argumento alucinatório.

De acordo com o teorema de Gödel, são incoerentes as versões da teoria formal dos números que afirmam sua coerência.



Hofstadter se pergunta se é possível compreender nossa mente ou nossa estrutura psicológica? Há aí uma impossibilidade tal como a de ver nosso próprio rosto?